

Exmo. Sr. Primeiro-ministro Dr. António Costa

Exma. Sra. Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, Arqta. Helena Roseta

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Fernando Medina

Exmo. Sr. Presidente do Conselho Municipal de Maputo, Dr. David Simango

Exmo. Sr. Dr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Augusto Santos Silva

Exmo. Sr. Ministro da Cultura, Dr. Luis Castro Mendes

Exma. Sra. Secretária de Estado da Cooperação, Dra. Teresa Ribeiro

Exmo. Sr. Secretário de Estado das Comunidades, Dr. José Luis Carneiro

Exmo. Sr. Secretário de Estado da Cultura, Dr. Miguel Honrado

Exmo. Senhor Ministro da República da Venezuela, José Faria

Exma. Senhora Deputada, Dra. Ivone Soares

Exmos. Srs. Deputados

Exmo. Sr. Conselheiro de Estado Domingos Abrantes

Exmos. Srs. Embaixadores e representantes de Embaixadas

Exma. Sra. Embaixadora e Secretária Geral do MNE

Exmos. Srs. Presidentes de Câmara, Srs. Vereadores e demais autarcas.

Exmo. Senhor Secretário Geral da CML, Dr. Alberto Laplaine

Exma. Sra. Presidente do Instituto Camões, Dra. Ana Paula Laborinho

Exmos. Senhores da Comissão Executiva e Secretários da UCCLA

Exma. Senhora Secretária Geral da CAL

Caros associados e amigos:

Os povos e países de língua portuguesa são um caso singular. Como se sabe, o primogénito, com o reino sediado no Brasil, rejeitou retornar com a corte a Lisboa. Diante do Ipiranga, gritou para a história – independência ou morte.

Acabou monarca do Brasil e muitos portugueses, heróis brasileiros, como Tiradentes.

Mais recentemente, em Timor, um massacre gerou um frémito nos falantes de português, quando países hegemónicos tinham a independência como causa perdida. Espectadores nos quatro cantos olharam atónitos, uma cadeia solidária unir múltiplas etnias e religiões, falando o português! E Timor tornou-se independente.

Ainda o ideal das independências das ex-colónias que já geminavam em Lisboa e Coimbra, no sangue de universitários vindos delas nos idos de sessenta, causaram uma reação premonitória para a ulterior criação da CPLP, única instituição de países que falam a mesma fala. Esses jovens acabaram referências, fazendo nascer no início das lutas de libertação, a C.O.N.C.P. (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) de que a CPLP é herdeira. Proclamaram então ser o povo português, solidário com a luta dos colonizados, com um regime opressor comum. Tinham nomes que se libertaram da morte. Convergiram com estudantes portugueses também na luta pela liberdade em Portugal que correu paredes meias com a das independências dos povos africanos colonizados.

Chico Buarque de Holanda, em 25 de Abril, também cantou que o Brasil se iria tornar *um imenso Portugal*.

A UCCLA herdou dessa convergência nas cidades de países iguais o ideal da cidadania. Ela é a mais antiga das instituições que, após Abril, aproximou os cidadãos que nas cidades de vários continentes se entendem pela 5ª língua do mundo. Foram incontáveis os projetos que se levaram a cabo nos 31 anos que tem de existência.

O edifício que hoje se inaugura é, assim, uma casa de cidadãos do mundo dos países da nossa fala mas também dos da maioritariamente castelhana da América Latina.

É natural que a sede seja conjunta e em Lisboa, capital de Portugal, país que é, por via marítima, o europeu mais próximo das américas e também porta de entrada dos africanos no velho continente.

Ainda porque a multiculturalidade e multiétnica de Lisboa nos transporta para os que fizeram a história comum, tecida com muita dor, mas também com afeto e que, no caso, se fundiram de forma singular. Às vezes, muitas vezes mesmo, com paixão. Ela garante hoje a defesa dos interesses de uma vasta família que se estende por todos os continentes. A gestação do mundo atual sente-se como efémera e a teologização dos mercados desregulados, passou a estar na moda com ainda maior concentração de cidadãos atomizados nas cidades e a que é necessário responder. A moda, sabe-se, é transitória. O que vai ficar está para além dela, mais na alma que na matéria e a cidadania lusófona será um dos pilares do futuro, por projetar uma conceção universalista e tolerante de paz. É isso que se solta da experiência e dos genes de vida do candidato a Secretário-geral da ONU, António Guterres.

Sendo certo que o amanhã se constrói com a geração que se segue, não é menos certo que o futuro se suportou sempre conservando a memória da identidade. Será que estamos a saber promover com equilíbrio esse testemunho, reforçando a autoestima na grandeza pessoal do que se representa numa pátria maior no mundo? Ou ao invés, esse testemunho está vendado sob o impulso subliminar de um corte de gerações? O país europeu de média dimensão, que é Portugal, assumiu sempre neste domínio da memória um papel de grande potência. Timor é apenas um exemplo recente disso.

A U.E., tão pródiga em números, que aliás tortura para responder ao que quer ouvir, tem interlocutores mais conhecedores de África e da América Latina do que os ibéricos? Esse conhecimento não é decisivo mesmo para a U.E. na lógica de como faz a defesa dos mercados?

Estas e outras interrogações são legítimas e particularmente necessárias, no mundo de hoje, tão hedonista.

É, porém, nas situações de crise que mais se devem aprofundar os laços de uma estratégia que vibra em comum, alicerçada na fraternidade e na solidariedade. A UCCLA tem de saber ser um pilar maior da construção da cidadania lusófona que aqui já invoquei.

A reedição recente de um milhão de livros da Casa dos Estudantes do Império, nunca antes levada à prática, é apenas mais um marco assinalado na estrada que tem também a memória como suporte do futuro.

Orgulhamo-nos muito disso. Mas orgulhamo-nos convictos da necessidade da UCCLA dever ser representada à luz da realidade presente. Estamos com o génio quando poetizou que a vida é feita de mudança. A que se tem de responder.

Hoje será distribuído o livro comemorativo que sintetiza as três décadas da nossa instituição.

O que foi feito só foi possível mercê dos colaboradores da UCCLA, das entidades suas associadas, nossa razão primeira e última de sermos e das financiadoras dos projetos, a União Europeia e o Instituto Camões.

À Câmara Municipal de Lisboa manifestamos o nosso reconhecimento. Pelo impulso para criar a UCCLA. Por ser a razão de aqui estarmos hoje, a alargar horizontes sob a presidência do Dr. Fernando Medina, que nunca rejeitou esforços para o apoio à UCCLA. Porque a presença de tantos responsáveis da autarquia, nos cala fundo.

A presença do Sr. Primeiro-Ministro, Dr. António Costa, acompanhado de vários membros do governo, é uma grande honra.

Queria aqui recordar que na XXXI^a Assembleia Geral da UCCLA votou por unanimidade a proposta do Sr. Dr. David Simango, para que fosse promovida

uma homenagem à sua pessoa, à data da cessação de funções na Câmara Municipal de Lisboa.

Razões de vária ordem impossibilitaram que ela ocorresse na altura. Vai ter lugar em data a consensualizar com a dimensão e a dignidade que o Dr. António Costa é merecedor, face à ação que desenvolveu como autarca em Lisboa, reforçando de forma marcante a importância da cidadania lusófona.

Bem hajam!

Vítor Ramalho